

REVENDO A EUROPA

VILÉM FLUSSER

Um dos problemas fundamentais da filosofia apresenta-se, para nós no Brasil, sob o seguinte aspecto: há, de um lado, o sujeito, o espírito conhecedor, em suma, o homem. Há, de outro lado, o objeto, a coisa conhecida, em suma: a natureza. E há uma relação entre ambos, um ato pelo qual o homem se lança sobre a natureza para manipulá-la, e este ato resulta em cultura. Cultura é natureza manipulada. As coisas da natureza são arrancadas, pelo ato manipulador do espírito, do contexto original e enquadradas em novo contexto, chamado "cultura". As coisas da cultura são pois uma síntese de homem e natureza, na qual tanto o homem quanto a natureza são cancelados e superados. O contexto cultural suprime a natureza, e a natureza desaparece onde há cultura. Mas também o homem como espírito, como sujeito, é superado no contexto da cultura. Torna-se como que objeto. Esta é, pois, para nós brasileiros, a problemática da cultura: transforma, onde surge, a natureza em parque industrial, e coisifica o homem. A vivência de cidades como São Paulo, e de paisagens como as praias do Guarujá, confirma a análise esboçada e dá-lhe significado imediato e válido existencialmente.

Mas o mesmo problema pode ser visto sob outro aspecto. Havia, "in illo tempore", naquela situação hipotética e original do homem primitivo e da natureza primordial, uma dicotomia "espírito: natureza". Nessa situação desfechante e desveladora lançou-se o espírito, assumindo a posição de sujeito, contra a natureza, transformando-a em objeto. Deste projeto do espírito em direção da natureza surgiu a cultura. A cultura era a síntese de espírito e natureza, no sentido de elevar tanto o espírito como a natureza a novo nível. A cultura era como que mais natureza que a natureza primordial, e o homem culto era como que mais homem que o homem primitivo. Pois essa situação original é hipotética e pode ser apenas deduzida de uma análise da situação atual, na qual nos encontramos. A vivência da situação atual é inteiramente diferente. O homem encontra-se, a si mesmo, como ser aculturado, isto é, como espírito altamente objetivado. E o homem encontra a sua circunstância como natureza altamente aculturada, isto é, espiritualizada e humanizada. A relação entre ambos não é pois de contradição, mas de complementariedade. É uma relação, não de ódio, mas de simbiose. A natureza aculturada não ameaça o homem, mas abriga-o amorosamente, e o homem aculturado não oprime a natureza, mas cultua e cultiva-a amorosamente. Dessa relação amorosa resulta uma natureza sempre mais humana, e um homem sempre mais integrado. Isto é o "progresso da cultura".

Este aspecto do problema é, como sabemos, o aspecto he-

geliano e marxista. Será que poderá ser confirmado pela vivência europeia? Afinal, foi formulado na Europa. O propósito do presente artigo é tentar responder a esta pergunta. Tomarei, como pontos de referência, a cidade de Roma.

O aspecto afirma que na cultura torna-se mais natureza. A vivência confirma esta afirmativa de uma maneira surpreendente para um brasileiro. A intensificação do "natural" na natureza culta, o enriquecimento da natureza pela cultura, tem dois lados distintos. De um lado são inseridos e injetados elementos novos na natureza, e esses elementos são inteiramente naturalizados. Do outro lado são salientados poderosamente os elementos originais da natureza. Darei primeiro alguns exemplos do primeiro lado. A parte clássica de Roma é atualmente um parque. Nesse parque encontramos destroços de colunas de mármore deitados no chão aparentemente ao acaso. Esses destroços de templos, embora obviamente produtos da manipulação humana, são agora, existencialmente, parte da natureza. São ontologicamente como árvores e flores, e estão, de fato, irmanados com árvores e flores. E' natural que estejam onde estão, e se não estivessem, a natureza de Roma teria sido violentada. Mas uma observação pertinente: duvido que um Roccantin romano sentiria nojo ao tropeçar sobre uma coluna caída. A natureza ficou mais natureza graças às colunas, e ficou mais humanizada.

Do outro lado, daquele que salienta os elementos originais da natureza, dou os seguintes exemplos. O primeiro é o pinheiral da Villa Borghese. E' como se a arquitetura romana, renascentista e barroca do parque salientasse, fenomenologicamente, a essência arboréscia dos pinheiros. São mais pinheiros. Podemos como que apalpar a sua pinheiridade. Os seus ramos são mais ramos por protegerem estatuas, e a sua sombra é mais sombra por abrigar palácios e restaurantes. O segundo exemplo são as corças alpinas. Habitam, no verão, os cumes inacessíveis, e buscam o seu alimento entre geleiras. No inverno são mantidas, tratadas e nutridas pelo homem. Não perderam, nem por isto, a sua naturalidade: fogem do homem. Mas são muito mais numerosas do que seriam "naturalmente". Há mais corças, portanto mais natureza. E há um sentimento de solidariedade e responsabilidade por parte do homem que as observa, e inclusive por parte do caçador que as persegue na época da caça.

O segundo aspecto da afirmativa hegeliana é este: o homem torna-se mais homem na cultura. Receio que esta parte da afirmativa é radicalmente desmentida pela vivência europeia. A intensificação da natureza pela cultura surpreende o observador brasileiro. Igual-

mente o surpreende a desumanização do homem. Definamos o que seja, para mim, homem. Homem é, para mim, o meu semelhante. E' aquele ser que está aqui comigo. Aquela ser que conversa comigo, provando com isto que me reconhece, a mim, como seu semelhante. Estamos, ele e eu, aliados nesse profundo ato de mútuo reconhecimento. Definido o homem assim, é o brasileiro profundamente humano. Um ser aberto para o outro, e pronto a reconhecê-lo. Já foi chamado de "cordial", mas creio que esse termo não é suficiente. Um termo mais apropriado seria simplesmente "humano". O brasileiro é humano. O europeu perdeu, pelo processo de "dialectica historica", o direito para essa classificação ontológica e valorativa. Não necessitaria recorrer a exemplos chocantes para provar minha afirmativa. Exemplos corriqueiros de vivências inimagináveis no Brasil bastariam. Como aquele do funcionário que arranca brutalmente o telefone a um senhor de idade (provavelmente não autorizado a utilizá-lo), e interrompe a conversação abruptamente. Ou como aquele do funcionário que se recusa a mandar um telegrama porque não pode trocar uma nota de dez mil liras, o porque no troco disponível faltam vinte liras, (sessenta cruzeiros). Mas não preciso dar exemplos. O termo "funcionario" basta. Tudo na Europa funciona. Funciona bem ou mal, (geralmente muito bem), mas tudo funciona. A relação intra-humana, a relação intersubjetiva, é o funcionamento. Mas será que essa relação ainda pode ser chamada de "intersubjetiva"?

Não é o caso de chamá-la de objetiva? O funcionário não reconhece o outro como sujeito. Conhece apenas a sua própria função e a função do outro. Esse conhecimento impossibilita o reconhecimento. A Europa é um lugar invivível para um brasileiro, a menos que este se "altere" ontologicamente. Que se desumanize. Que comece a funcionar apropriadamente. Em suma: que perca o seu "subdesenvolvimento".

Resolvi o problema que colloquei no início deste artigo? De nenhuma forma. A vivência brasileira da cultura como aniquilamento da natureza não pode ser válida como solução do problema da cultura. Mas a vivência europeia é uma prova contra a afirmativa otimista da cultura como valor supremo. E isto é característico de todos os problemas de filosofia: não admitem solução definitiva. Admitem apenas uma reformulação constante. Pessimamente permitirá uma retomada de contacto com a Europa uma reformulação do aspecto brasileiro do problema. Disse que os problemas filosóficos são caracterizados pela impossibilidade de solução, mas possibilidade de reformulação constante. E' por isto que a filosofia fascina: os seus problemas são como os problemas da vida.



José Verissimo

Onde estão natus de ant

Conto de DALTON TRI

Esqueira-se entre a cortina de veludo vermelho — é pegajosa, úmida, sebenta — e afasta a mão com nojo: filho bastardo do rei Midas, tudo o que toca se desfaz em podridão. Afogueia-lhe o rosto o bafio da sala — suor seco, creolina, vomito azedo. Entre casais suspeitos e velhos pervertidos, o seu abrigo é a escuridão vergonhosa.

Senta-se na ponta de uma das ultimas filas, estende os pés sobre casaca, pipoca e papéis de bala. Alheio às sombras na tela, gozoso de sua solidão, poderá enfrentar a passagem do Natal.

Escorraçou-o do bar a confraternização ruidosa dos bebados. Mais que ela, os dois olhos aflitos no espelho da parede... Exílio de esqualidez e negridão mal cheirosa, no cinema está defendido. Distingue a tosse do guarda que, vez por outra, circula no corredor, assustando os casais de vieiros. A um canto, uma lampada encarnada e uma cortina que, ao ser erguida, deixa penetrar nuvem fetida de amoníaco; pela agitação incessante da cortina, desconfia João que o interesse do publico é mais lavar as mãos do que assistir ao filme.

Entorpecido de álcool e do sr corrupto, cabeceia na cadeira dura. Eis que voz meliflua pede-lhe docemente licença: é um mocinho de olhos esbugalhados. Enroscou-se nos seus joelhos e, de todas as cadeiras vazias, escolhe a do lado. Sonolento na cumplicidade tepida da sala, mal sustinha João as palpebras abertas, despertado por estalo de beijo: mordendo goma de bala, o mocinho sopra-a até explodir com estouro obsceno.

João sente patinhas de mosca na face e espanta-a com a mão; não é mosca, e sim os

— la gido por to, em cu fóra oculi nha carn. balas de — sou m monstro.

O hom. bia o der a bola in penas do

A lour: fecho do nudez d "Eu sou ter o me po gelad

— Rosi — insisti mocinho. Estoura: barrou-lh: centenas assentar de dente possuida to a bai: descobri: dentes. s terravam — na ca

João é tazana q deiras. q corredor reção. E fugir, en: umida q quieto, s amendo: A' sua do-perig ouvido t tamente. dente. J do chão gustia; s João a da rãta: despertado por estalo de beijo: mordendo goma de bala, o mocinho sopra-a até explodir com estouro obsceno. No sil: o alaride da não é